

História de um revolucionário humanista: Breves apontamentos sobre Victor Serge, entre Gramsci e Mariátegui

Massimo Sciarretta¹

Resumo

Este artigo procura, através de uma incursão biográfica, destacar aspectos da vida de Vitor Serge de modo a ressaltar seus aspectos de coerência política, coragem e capacidade de sacrifício que certamente serviriam para alçá-lo ao rol de uma das principais figuras políticas do século XX. Contextualizando as décadas iniciais do século XX na Europa, com a Grande Guerra, as perseguições e encarceramento dos revolucionários e com a Revolução Russa, destacamos o modo como Serge, desde uma evolução política do anarquismo ao comunismo, sempre procurou se posicionar de modo a aumentar as possibilidades emancipatórias da humanidade. Por fim, levantamos um breve questionamento sobre as causas do relativo ostracismo que a memória de Serge experimenta.

Palavras-chave: Vitor Sérgio; Biografia; Revolução Russa; Stalinismo

Desde criança, fui tomado, de forma clara, por um sentimento duplo, que chegou a me dominar durante toda a primeira parte da minha vida, a saber: o de viver em um mundo sem evasões possíveis onde só restava lutar para uma evasão impossível (SERGE, 2001, p. 5).

Com este *incipit*, Viktor L'vovič Kibal'čič, conhecido com o pseudônimo de Victor Serge, começa as *Memórias de um revolucionário*, uma das mais preciosas biografias do século XX, pela experiência de primeira mão dos principais acontecimentos revolucionários russos, pelas reflexões profundas, pela autonomia de pensamento, pela tensão moral que acompanha cada página do livro, escrito em 1941, no exílio na Cidade do México, ao qual foi condenado pelo regime stalinista.

Protagonista de uma vida sem sossego, Serge, como lembrou o prêmio Nobel Susan Sontag, “antes do México, havia vivido, escrito, conspirado e atuado em seis países”, e, em todos estes lugares, sua estadia foi “precária, entre dificuldades econômicas, contestações e ameaças, na maioria das vezes se concluindo com a sua expulsão e a obrigação de se mudar para outro lugar” (*Idem*, 2005, pp. VII-VIII). Bélgica, França, Alemanha, Áustria e México puderam contar com a contribuição do pensamento e da ação política de Serge; mas,

¹ Professor Associado de História Contemporânea na Università degli Studi del Molise (UNIMOL/Itália). Foi Professor Adjunto de História do Mundo Contemporâneo da Escola de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio).

sobretudo, pôde se beneficiar disso a sua Mãe Rússia, já que, por dezessete anos, participou da difícil construção do socialismo após os “dez dias que haviam abalado o mundo”.

Filho de opositores à tirania czarista fugidos da Rússia na sequência do atentado ao czar Alexandre II, em 1880 (isto é, dez anos antes de concebê-lo), Serge percebia a si mesmo como “êxule político desde o nascimento”. E isso não apenas em razão de questões de fronteira, mas sim por ser uma alma febrilmente voltada para a emancipação do gênero humano e contrária à exploração do homem pelo homem, num mundo que tolerava cada vez menos personagens animados pelo utopismo revolucionário.

Intelectual, ativista, romancista, jornalista, Victor Serge será, antes de tudo, um revolucionário humanista mergulhado nos anos mais esperançosos e, ao mesmo tempo, sombrios do século XX: as Guerras Mundiais, a Revolução de Outubro, a ascensão dos fascismos, o estalinismo, as Frentes Populares, a Guerra Civil Espanhola etc.

A atitude inconformada com a ordem constituída não demorou a se manifestar nele. O primeiro passo nesse sentido foi dado com sua adesão aos ideais anarquistas, mostrando, desde logo, uma fibra humana incomum. Quando, em 1912, em Paris (para onde havia se mudado, dirigindo a revista francesa *L'Anarchie*), foi aprisionado injustamente, acusado de chefiar a organização anarquista conhecida como “Quadrilha Bonnot”,² da qual não era integrante, preferiu, mesmo sendo inocente, passar cinco anos encarcerado do que delatar seus companheiros anarquistas.

A detenção fez com que Serge assistisse do cárcere à eclosão da Primeira Guerra Mundial, expressando toda sua indignação pela “época do canhão”, durante a qual, “ao longo das fronteiras embebidas de sangue”, morriam milhares de soldados por dia:

A nata da juventude de todo um continente, toda uma geração foi varrida. Trinta milhões de homens foram mobilizados. Combatia-se na Macedônia, na Mesopotâmia, na Palestina, nos cantos mais remotos da floresta africana [...] Negros, indianos, australianos, canadenses, portugueses pegavam em armas: o sangue de todas as raças escorria confluindo em uma única poça, emanando o mesmo fedor (*Idem*, 2017, pp. 9-10).

Saído da prisão em 1917, Serge pegou um trem que o levou à Barcelona, onde, em 19 de julho, participou da infrutífera greve geral insurrecional, organizada pelo Partido Socialista Obrero e pelo sindicato anarquista da CNT. Se o fracasso daquela experiência o convenceu da veleidade da estratégia anárquica, as notícias provenientes da Rússia, com a queda do czarismo e a instauração de um Governo Provisório, o impulsionaram a partir rumo a sua

² A Quadrilha Bonnot (*La Bande à Bonnot*, assim chamada pelo nome de seu chefe, o anarquista-individualista Jules Bonnot) foi um grupo anarquista francês atuante na França e na Bélgica entre 1911 e 1912, que, com carros e fuzis, operou vários assaltos à luz do dia, com o fim de aterrorizar a sociedade capitalista.

pátria, passando pela França, onde, acusado de bolchevismo,³ foi preso e enviado ao campo de concentração de Précigné, na região do Loire. Daquele período, lembrar:

[No campo de concentração] Encontrei um grupo de revolucionários russos classificados como “bolcheviques”, como eu, sem sê-lo, obviamente. [...] O sistema, em tais períodos, consiste em aprisionar todos em determinadas áreas: caberá a Deus reconhecer os seus! Não fiquei demasiadamente indignado, uma vez que me sentia alheio a este mundo, decidido a viver em prol de outros valores e vitórias, a tornar minha própria existência uma infração à lei não escrita do conformismo (*Idem*, 2001, p. 79).

Sérge conseguiu alcançar Petrogrado apenas um ano após os dias de Outubro, no meio da guerra civil, decidindo abraçar a causa dos bolcheviques, embora sem abrir mão de seu espírito livre:

Minha decisão estava tomada; não ficaria contra os bolcheviques, tampouco seria neutro, ficaria com eles, embora livremente, isto é, sem abdicar do pensamento, nem do senso crítico [...] Fiquei do lado dos bolcheviques porque cumpriam com teimosia, sem desistir, com magnífico ardor, com paixão reflexa, a própria necessidade [...] Eles, de certo, erravam em vários pontos essenciais devido à intolerância, à fé na estatização, à tendência à centralização e às medidas administrativas. Entretanto, se precisasse contrariá-los com liberdade de espírito e em espírito de liberdade, eu estava com eles, entre eles (*Ibidem*, pp. 95-96).

Naqueles momentos conturbados, por ele mesmo chamados de “grandes anos de desespero e entusiasmo”, Serge atuará como intelectual e quadro bolchevique, militante em contato direto com as lideranças que “tomaram o céu de assalto”⁴, adquirindo, naquela experiência, a convicção de que o elemento mais precioso no processo revolucionário era a “matéria humana”. Neste ponto, concordava com Antonio Gramsci, que, na mesma época, apresentava como fator decisivo para a transformação do mundo “o homem, a sociedade de homens que se aproximam entre si e que desenvolvem, através destas relações, uma vontade social coletiva” (GRAMSCI, 1973, p. 53).

Nos apontamentos escritos entre 1936 e 1947, Serge não deixará de lembrar que

A força e a grandeza dos revolucionários russos residiam no fato de constituírem um grupo. Lenin e Trotsky, com Bukharin, Zinoviev, Lunaçarskij, Smirnov, Bubnov [...] formavam um ambiente culto, instruído, preparado na metodologia marxista, animado pela paixão revolucionária e

³ No período conturbado que antecedeu à Revolução de Outubro, entre a instauração do Governo Provisório de Fevereiro e a continuação da Primeira Guerra Mundial, os bolcheviques eram considerados pelos aliados franceses um partido perigoso, em virtude do propósito declarado de acabar com a “guerra imperialista”, prometendo “Pão, Paz e Terra”.

⁴ Naqueles anos, Victor Sérge colabora com a “*Severnaja Kommuna*”, órgão do Soviete de Petrogrado, inspetor e organizador das escolas no “II Distrito”. Trabalhando como braço direito de Zinoviev, participou de forma ativa na III Internacional, fundada naquele mesmo ano de 1919.

profundamente honesto – um resultado praticamente único na História (SERGE, 2014, p. 33).

Se sua força estava “na grandeza moral e no valor intelectual que inspiravam uma confiança ilimitada nestes homens”, o problema, porém, residia na outra face da medalha humana. “O perigo está em nós”, costumava salientar, fiel à teoria do “duplo compromisso”, isto é, persuadido de que “o socialismo não deveria se defender apenas contra os seus inimigos, como também em seu próprio seio, contra seus primeiros fermentos de reação”. (*Ibidem*, p. 141). Para ele, constituíam sinais de retrocesso alarmante o sistema das requisições do campo, o poder desproporcional que adquirido pela Tcheka, a supressão dos militantes do Soviete de Kronstadt, portadores dos autênticos valores de base da Revolução popular russa.

Ciente do fracasso das experiências voltadas à espontaneidade e ao purismo, escrevia, pensando naquele momento histórico,

Sei muito bem que o terror sempre foi, até agora, necessário nas grandes revoluções, que elas não se dão conforme os desejos dos homens de boa vontade, e sim com violências de furacão, e que nosso dever seja o de empregar as armas que a História nos deixou para não serem estupidamente derrotados (*Idem, loc. cit.*).

Em Serge, portanto, a probidade e o idealismo raramente viajavam num trilho desconectado da lucida leitura da conjuntura e das relações de força:

Realmente, os soviets, tão vivos em 1918, [em 1919] não passavam de aparelhos secundários do partido, sem iniciativa nem controle algum, representando, na prática, nada mais do que o comitê local do partido. Entretanto, enquanto o regime econômico tornou-se insuportável para nove décimos da população, não era concebível restituir a liberdade da palavra, nos soviets ou em qualquer outro lugar (*Ibidem*, p. 148).

“Entretanto”, continuava Serge, “não podia deixar de constatar, também, que a permanência do terror após o fim da guerra civil e a instauração de uma época de liberdade econômica, constituía um enorme erro desmoralizador” (*Ibidem*, p. 210). Sabia que “cada fim requer seus próprios meios e todo fim alcança-se com os meios congeniais a ele”. Apesar de a revolução socialista ver-se, em tempos de crise, obrigada a fazer uso das velhas armas deixadas pela sociedade burguesa, ela tinha, para o intelectual russo, “o dever de encontrar suas próprias armas” (*Idem*, 2017, p. 91), só podendo avançar melhorando as condições materiais e morais das massas.

Para Serge, a situação de Estado de sítio germinava de incontrovertíveis contingências históricas (a guerra mundial; a defesa interna versus as forças contrarrevolucionárias dos

Branco; o “cordão sanitário” dos Estados anticomunistas; o colapso econômico etc.), mas também de fatores psicológicos, uma vez que o marxismo nascia da ciência, da filosofia burguesa e das aspirações revolucionárias do proletariado, herdeiro natural daquela sociedade da qual era o produto, com uma pretensão de transformação total que era, no sentido etimológico, totalitária, porque caracterizada pela presença contemporânea das duas faces da sociedade em ascensão, a democrática e a autoritária:

Assim como a sociedade capitalista-industrial manifesta a tendência de abraçar todo aspecto da vida, assim o marxismo do começo do século XX tem como finalidade a de tomar tudo em suas mãos, transformando cada coisa, do regime de propriedade à organização do trabalho e o mapa dos continentes (pelo meio da abolição das fronteiras), chegando até a vida interior do homem (pelo meio do fim da religiosidade) (*Idem*, 2001, p. 164).

Alérgico a todo tipo de ortodoxia (“as relações entre o erro e o justo conhecimento estão ainda numa fase demasiadamente embrionária para se ter a pretensão de regulá-las de forma autoritária”, [*Ibidem*, p. 464]), Sérge vivenciou a morte de Lenin, em 1924, e a sucessiva vitória de Stalin e Bukharin no XIV congresso do PCUS como uma catástrofe.

Sérge, que desde 1921 trabalhava – antes em Berlim, depois em Viena – como quadro do Comintern, voltou à Rússia decidido a travar uma luta pela sobrevivência do socialismo. Assim sendo, reagiu à progressiva burocratização do Estado e do Partido,⁵ bem como ao silenciamento das críticas internas, integrando a oposição de esquerda, participando de reuniões clandestinas, tentando fazer obra de proselitismo, bairro por bairro. Participou da elaboração de uma plataforma programática especial assinada por 17 membros do Comitê Central, na qual se reuniam os pontos de vista dos opositores à linha da facção majoritária do Partido, cada vez mais identificada com Joseph Stalin. Mais uma vez, em Sérge conviviam o “pessimismo da razão e o otimismo da vontade”:

Não acreditava na vitória, ao contrário, tinha certeza da nossa derrota. Lembro-me de tê-lo dito a Trotsky. Reuníamos-nos na velha capital com algumas centenas de militantes, mas a massa dos operários mostrava-se indiferente às nossas discussões, apenas querendo viver em paz. Imaginava muito bem que o Velho (Trotsky) sabia disso como eu, mas tínhamos que cumprir, todos, nosso dever de revolucionários. [...] Para mim, tudo se resumia nesta ideia: se houvesse uma probabilidade em cem a favor da retomada da revolução e da democracia operária, seria preciso tentá-la a qualquer custo (*Ibidem*, p. 270).

⁵ Com Gramsci, em 1925, no período em que ambos viviam em Viena, se perguntava: “Quanto valia a adesão aos valores revolucionários de duzentos e cinquenta mil operários admitidos ao PCUS após a morte de Lenin se eles esperaram o falecimento dele para se inscrever ao Partido?” (SERGE, 2001, p. 229).

Atravessando momentos cruciais na corda bamba entre a História como necessidade e a História como possibilidade, Sérgio adorava se opor aos que frequentemente acusavam o bolchevismo de conter o germe do stalinismo desde seu início. Ressaltava o fato de “o bolchevismo conter também muitos outros germes que aqueles que vivenciaram os entusiasmos dos primeiros anos da primeira revolução socialista vitoriosa jamais deveriam esquecer” (*Ibidem*, p. 164).

O intelectual russo não deixará de notar como a violência com a qual, no Comitê Central do Partido, a facção majoritária cortava toda sorte de debate interno, reproduzia-se também em nível local. De volta de uma destas reuniões, ele anotara: “Regressávamos à noite, tensos e felizes. O gelo começava a se quebrar. [...] Čadaev disse: ‘Acho que nos esmagarão antes da estação do grande degelo’” (*Ibidem*, p. 164).

Em 1927, o Termidor soviético havia dissolvido todo gelo e, com ele, qualquer cuidado para com uma aparência de legalidade. Junto com Zinoviev e Trotsky, a quase totalidade dos opositores será cassada no Partido. Muitos encarcerados. Dentre estes, Victor Serge. Libertado em 1928 pelas pressões dos muitos intelectuais que, na França, denunciaram na imprensa o “*affaire Victor Serge*”, na verdade, ele viveu, entre 1928 e 1933, na condição de prisão domiciliar. Isolado, controlado pela polícia política, banido de qualquer tipo de emprego, impossibilitado em conduzir atividade política, obrigado, junto com a família, a uma situação de extrema indigência, Serge conduziu sua luta pessoal contra o regime opondo aos convites ameaçadores à retratação a obstinada resistência de seu corpo assim como a autonomia de seu pensamento. Afinal, tratava-se de “exercícios espirituais” aos quais ele foi treinado desde a infância: “Acho que se, quando havia doze anos, tivessem me perguntado o que é a vida (pergunta que eu também me fazia frequentemente), teria respondido: *você terá que pensar, lutar, passar fome*” (*Ibidem*, p. 7).

Em fevereiro de 1933, após ter escrito e enviado para Paris um texto-denúncia sobre a defesa do ser humano, da verdade e do pensamento, Victor Serge é novamente preso e condenado à deportação em Orenburg, na Sibéria. “Tratava-se de um setor de deportação relativamente tranquilo” – anotara Sérgio.

Vários companheiros trabalhavam. Eu, ao invés, escrevia; precisava criar, trabalhar para não enlouquecer, para desempenhar minha tarefa; tinha que me tornar útil e deixar rastros das minhas emoções e dos meus pensamentos. Trabalhar é resistir, porque, no trabalho, se encontra o espírito (*Idem*, 2017, pp. 119-120).

Foi, com toda certeza, este mesmo espírito de escritor que o salvou milagrosamente da morte, graças a uma nova campanha de denúncia de muitos intelectuais de fé comunista (entre eles, Romain Rolland e André Gide) que se mobilizaram pela sua libertação, obtendo, em 1936, a expulsão da URSS para Serge e sua família.⁶ Embora vivo, o revolucionário russo (sozinho, isolado, derrotado) não deixou de refletir sobre a tragédia da mutação genética da experiência soviética, do sonho de unificação do gênero humano, sob o estandarte da igualdade, para pesadelo Orwelliano feito de coletivizações, expurgos e uso policial do poder: “Tudo havia mudado”, escrevia, detalhando:

Os fins: da revolução social internacional ao socialismo num só país. O sistema político: da democracia operária dos Sovietes, fim da revolução, à ditadura do secretário geral, dos funcionários e da GPU. O partido: da organização de marxistas revolucionários, livre na vida como no pensamento, espontaneamente submetida à disciplina, para uma hierarquia de escritórios e de carreiristas passivamente obedientes. [...] A ideologia: Lenin havia dito “assistiremos à extinção progressiva do Estado; o Estado soviético nunca será um Estado como os outros, e sim uma grande Comuna operária”; enquanto Stalin proclamava que “avançávamos rumo à abolição do Estado mediante o fortalecimento do Estado”. [...] A moral: da honestidade austera e inflexível do bolchevismo heroico para um indizível transformismo e uma incrível hipocrisia (*Ibidem*, pp. 89-90).

Antes de Hannah Arendt, Victor Serge foi o primeiro a associar, na categoria de “totalitarismo”, o nazismo e o regime estalinista, que ele chamava de “totalitarismo burocrático”, isto é, uma casta burocrática sem mais vínculo algum (social, político ou ideológico) com o movimento que havia protagonizado os dias de Outubro. A maior importância desta aproximação, evidentemente, não vinha apenas de sua primazia cronológica, como também da cultura política de proveniência, uma vez que Serge – diferentemente de Arendt – pertencia de maneira visceral àquela geração que estava na linha de frente do movimento emancipatório das classes trabalhadoras:

O totalitarismo, tal como se instaurou na URSS, no Terceiro Reich e, de forma mais débil, na Itália fascista, é um regime caracterizado pela exploração despótica do trabalho, a coletivização da produção, o monopólio burocrático e policial do poder, pelo pensamento subserviente, pelo mito do chefe-carismático (*Idem*, 1997, pp. 159-160).

Para Serge, o mundo e os homens não se transformariam com as cadeias, “com os alto-falantes gritando falsidades”, e através da utilização de intelectuais complacentes com a ditadura, “pagos para fazer a cabeça das pessoas” (*Idem*, 2017, p. 91) com mentiras evidentes.

⁶ O de Serge foi o único caso documentado de opositor que, no período do Grande Terror, salvou-se graças a uma campanha de denúncia proveniente do estrangeiro.

Serge conseguirá restituir o clima e os humores daquele estágio de Grande Terror, tão decisiva para a sorte do socialismo, com um romance de incomparável feição, chamado *o Caso do Camarada Tulaev*, livremente inspirado no assassinato do quadro dirigente bolchevique, Serguei Kirov, que Stalin utilizou como estopim para dar vida aos Grandes Expurgos.

No caso Tulaev, uma polifonia de vozes, entre vítimas e algozes, entrelaçam seus próprios destinos num jogo de soma zero, contado da única forma capaz de justificar a insensatez do homem que aniquila o outro homem em prol da igualdade entre os homens, a saber, a fantasia literária. Num trecho que relata de um episódio jamais ocorrido, “O Chefe” (Stalin) recebe uma carta de uma de suas vítimas, que ele lê com “aquela testa baixa sulcada pelas rugas, os pequenos olhos castanhos com olhar pontiagudo, o olhar duro de um homem abandonado”, uma carta onde estava escrito:

Você está sozinho, irmão, totalmente sozinho, com as papeladas envenenadas que você forjou. Aonde irão te conduzir? Você sabe para onde irão conduzir a gente, mas não pode saber para onde irão te levar [...] Estão se preparando dias horríveis e você se encontrará sozinho entre milhões de rostos mentirosos, sozinho com seus gigantescos retratos pendurados nas fachadas dos prédios, sozinho com os seus fantasmas de crânio baleado, sozinho em cima daquelas pirâmides de carcaças, sozinho com este país que acabou abandonando-se, traído por você que é fiel, como nós, louco de fidelidade, de suspeitos, de ciúme reprimido pela vida toda [...] Eis seu drama. Você queria destruir todos os espelhos do mundo para não reconhecer mais sua imagem, e nossos olhos são seus espelhos e assim você os destrói [...] Quando você tiver assassinato todos nós, será o último, irmão, o último de nós, o último também para si mesmo, e a mentira, o perigo, o peso da máquina que montou irão te sufocar (Idem, 2005, pp. 296-297).

Seus escritos, tanto nos romances quanto nas memórias, de fato, não se resolvem em recordações intimistas, não se fecham no solipsismo, ganhando, ao contrário, os contornos de um grande romance histórico coletivo, representado com uma sensibilidade difícil de se encontrar na galáxia dos pensadores revolucionários “científicos”.

Talvez a motivação mais profunda nasça a partir da consciência do tempo que passa, que vai embora, escapando inexoravelmente, e do desejo de detê-lo. Foi este sentimento desesperado o que me empurrou, com dezesseis anos, a notar o instante precioso em que descobri que a existência (humana, “divina”) é lembrança. Mais tarde, quando a personalidade se torna mais rica, avertem-se os limites, a miséria e as algemas do Eu, descobre-se de possuir apenas uma vida, uma individualidade circunscrita para sempre que, todavia, contém muitos destinos possíveis e que se entrelaça com as demais existências humanas, com a terra, com as criaturas, com tudo. Escrever, então, se torna a busca de uma personalidade múltipla, uma maneira de viver muitos destinos possíveis, de penetrar nos outros, comunicar-se com eles, para fugir dos limites comuns do Eu (*Ibidem*, pp. XXIV-XXV).

Embora despojada de sua parte mística, esta postura de Serge não pode deixar de lembrar a dimensão existencialista e ética do combate revolucionário própria de Mariátegui, seu “romantismo do século XX espontânea e logicamente socialista”, sua ênfase “na solidariedade, na indignação moral, no engajamento total (‘heroico’), que comporta o risco e o perigo por sua própria vida” (LÖWY, 1999, s. p.). Da mesma forma, Victor Serge oferece – pela biografia pessoal e política, pela contemporaneidade das vicissitudes históricas, pela tensão ética acoplada à lucidez da análise, pela heterodoxia das posições, pela independência de pensamento – vários pontos de contato com Antonio Gramsci.

Se, lembrando Camus, “a Revolução consiste em amar um homem que ainda não existe”, personagens como Serge, Gramsci e Mariátegui, entretanto, representam o modelo mais próximo deste homem que virá. Diferentemente destes dois últimos pensadores e revolucionários, todavia, Victor Sérge permanece um autor muito pouco conhecido, embora tenha ajudado, com sua obra, a restituir dignidade a palavras como socialismo, comunismo, revolução, companheiro. Como salienta o historiador David Bidussa, no prefácio a uma das obras de Serge:

Victor Serge, ou melhor, a memória de Victor Serge, assinala-se como a prova mais gritante de nossa hipocrisia. De fato, quem, entre nós, deixa de afirmar que a prova de nossa firmeza reside em nossa recusa a “se rebaixar em compromissos”? Se fosse realmente assim, então, Victor Sérge deveria ser lembrado como figura central no Pantheon das imagens do século XX. Entretanto, ele não consta (BIDUSSA, 2017, p. VI).

Referências Bibliográficas

BIDUSSA, D. “Prefazione”. In: SÉRGE, V. *Da Lenin a Stalin. 1917-1937. Cronaca di una rivoluzione tradita*. Torino, Bollati-Boringhieri, 2017.

GRAMSCI, A. *Scritti politici*, Paolo Spriano (Org.), Roma, Editori Riuniti, 1973.

LÖWY, M. *Marxismo e romantismo em Mariátegui*. Revista «Teoria e Debate», nº 41, maio/junho/julho de 1999.

SÉRGE, V. *Carnets (1936-1947)*, Roma, Massari, 2014.

_____. *Da Lenin a Stalin. 1917-1937. Cronaca di una rivoluzione tradita*. Torino, Bollati-Boringhieri, 2017.

_____. *Memorie di un rivoluzionario. (1901-1941)*. Roma, Edizioni e/o, 2001.

_____. *Il caso Tulaev*, Roma, Fazi Editore, 2005.

_____. *Socialismo e totalitarismo. Scritti (1933-47)*, A. Chitarin (Org.), Roma, Prospettiva, 1997